

# CRISTIANISMOS E OS USOS DO PASSADO BÍBLICO NO *CONTRA OS ARIANISMOS* DE HILÁRIO DE POITIERS (SÉC. IV)

Edson ARANTES JUNIOR<sup>1</sup>  
Fernando D. Teodoro MOURA<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar a questão da legitimidade do poder imperial e os problemas das identidades de grupos cristãos<sup>3</sup> no início século IV. Para tanto, tentar-nos-emos compreender, a partir do conceito de regime de memória bíblico, como a narrativa do Bispo Hilário de Poitiers tentou estruturar tanto uma unidade político-religiosa entre as comunidades cristãs, quanto à legitimidade do poder sagrado do Imperador Constâncio II perante as comunidades cristãs ocidentais e orientais.

**Palavras chave:** Identidade, Memória, Cristianismos.

**Résumé:** Cet article a pour objectif d'analyser la question de la légitimité du pouvoir impérial et les problèmes d'identités des groupes chrétiens au début du IV siècle. Pour cela, nous essaierons de comprendre, à partir du concept de régime de mémoire biblique, comment le récit de l'Evêque Hilaire de Poitiers s'est employé à structurer tant l'unité politico-religieuse dans les communautés chrétiennes que la légitimité du pouvoir sacré de l'Empereur Constantin II face aux communautés chrétiennes occidentales et orientales.

**Mots-clé:** identités, memoires, christianismes.

A construção de narrativas que remetem ao passado são elaboradas tendo em vista elementos meta-narrativos que ordenam o uso das reminiscências. Essa atividade vincula-se ao uso que os homens fazem do passado, vivido ou imaginado, com vistas a hegemonia no presente e o estabelecimento de projetos para o futuro. Assim, há uma bi-dimencionalidade nessas narrativas, ao mesmo tempo que elas remetem ao passado, como legitimador de práticas ou teorias, ela remete ao futuro, num ensejo de esperanças. Neste artigo, chamamos de regime de memória esses elementos meta-narrativos que organizam o uso das memórias. Lembrar e esquecer compõem as narrativas que dizem sobre os homens e as comunidades nas quais eles se vinculam. Narrar é inscrever a si e aos seus no tempo, rompendo a tragicidade existencial de saber que o passado não existe em si, mas ganha cores por meio das mais diversas narrativas, que tentam lhe explicar.

Neste contexto que Hilário construiu sua argumentação sobre a divindade a Trindade, no livro *Contra os arianos*<sup>4</sup>, texto conhecido pelo público geral como *De trinitate*.

---

1 Doutor e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação da professora Dr<sup>a</sup>. Ana Teresa Marques Gonçalves. Bolsista da UFG. Professor de História Antiga e Medieval do Campus Uruaçu da UEG, atualmente Diretor Educacional deste campus.

2 Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás.

3 Especificamente os chamados arianos moderados defensores do *homoiosios* – Jesus seria semelhante com o Pai e os nicenos menos radicais.

4 O nome De Trinitate foi encontrado nos manuscritos tardios, como os de Venâncio Fortunato (séc. VI) e Casiodoro. *Adversus Arrianos libri* é a nomenclatura que nos transmite Jerônimo (séc.IV); De Fide foi o título usado por Casiodoro de Encan (séc.VI); nos manuscritos mais antigos não se encontra titulação para esse escrito do bispo Pictaciense (SIMONETTE, 2002, p.46-49, HENNE, 2006, p.80).

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

Este tratado inicialmente com a teoria trinitária<sup>5</sup> do Presbítero Ário<sup>6</sup>, e, em segundo momento, com os extratos bíblicos que são os principais elementos de validação de seu projeto político-eclesiástico. Neste sentido, é necessário analisar como o suposto regime de memória ariano foi situado e regido pela narrativa hilariana. Para tanto, examinaremos de que maneira Hilário expressa a teoria ariana para, logo depois a contrapor com passagens do Antigo e do Novo Testamento.

Hilário nasceu no princípio do IV século, possivelmente entre 310-320, em *Pictavium*<sup>7</sup>, na Gália Aquitânia, atual Poitiers, na França. Pertencia a uma família da aristocracia galo-romano pagã. (LADARIA, 2006, p.05-12; MORESCHINI & NORELLI, 2000, p.322-331; SIMONETTI, 2002, p.675-676). O que conhecemos da biografia de Hilário é retirado do prólogo do *Contra os arianos* (I.1-14). Também há informações extraídas dos escritos de Jerônimo<sup>8</sup> (347-420), como *Os homens Ilustres*, nas *Crônicas e Vida de San Martín*, ambas escritas por Sulpício Severo (360 - 420 d.C), além de *Vite dei Santi Ilario e Radegonda di Poitiers*, de Venâncio Fortunato<sup>9</sup> (530-607).

Sabemos que tanto o Bispo de Poitiers quanto o Presbítero de Baucális estavam envolvidos em um projeto de institucionalização da memória cristã. Para melhor entender esse processo, nos apropriamos das ideias desenvolvidas pelo historiador alemão Jörn Rüsen (2009, p.164), que assinala “a memória torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural do presente” (2009, p.164). Compreendemos que ao voltar ao passado bíblico os dois clérigos objetivavam gerar sentido/identidade para os

5 As teorias trinitárias foram elaboradas por boa parte dos clérigos na Antiguidade Tardia. Tais teorias possuíam o objetivo de formatar o dogma da Trindade, tendo em vista que esse não estava claro e unificado perante as múltiplas comunidades cristãs desse período. Essas teorias trinitárias são entendidas em nosso trabalho como projetos, não só teológicos, mas também políticos, que arquitetariam uma unidade entre as conflitantes comunidades cristãs, estabeleceriam uma nova relação entre cristandade e poder imperial romano instituindo um tipo específico de sacralidade ao poder do Imperador Romano frente a nova religião.

6 As informações sobre o arianismo são bastante escassas, uma vez que essa leitura do cristianismo configurou o lato perdedor desta disputa. Desta forma, ao falar do arianismo seguimos as informações expostas no *Contra os arianos* do Bispo Hilário de Poitiers, que foi seu contraditor, portanto é fundamental salientarmos que não temos dois projetos político-eclesiásticos e dois regimes de memória bíblicos, presentes no *Tratado* hilariano, mas somente um, que utiliza supostas informações de seu adversário para arquitetar sua proposta trinitária.

7 Atual Poitiers na França na região de Poitou-charentes. Localizada no centro-oeste desse país às margens do rio Clain. O nome Poitiers é a derivação do termo romano *Pictavium* que provavelmente proveio dos *Pictones*, povos celtas que habitavam a região (BEAUJARD, 2000).

8 O qual fez a seguinte referência: “Hilário, bispo da cidade de Poitiers, na Aquitânia, exilado na Frígia pelo sínodo de Béziers por obra da facção de Saturnino, bispo de Arles, escreveu doze livros *Contra os arianos*” (JERÔNIMO. *Os homens ilustres*, 100, apud: PETRI 2011, p. 07).

9 Venâncio Fortunato (I.3) atribuí entre as obras de Hilário uma pequena epístola de nome *Ad Abram Filiam*. Contudo alguns especialistas não reconhecem a autenticidade desse documento (*Vite dei Santi Ilario e Radegonda di Poitiers* I, 6; (LADARIA, 1986, p.04).

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

cristãos contemporâneos que sofriam um momento de definição de suas posturas políticas e religiosas.

Desta maneira, partimos do entendimento que os dados (citações bíblicas) históricos são construções de memórias, que proporcionam aos indivíduos experiências históricas, que vão além de suas vidas individuais. É nessa perspectiva que a memória “trama as peças do passado memorado em uma unidade temporal aberta para o futuro, oferecendo às pessoas uma interpretação da mudança temporal. Elas precisam dessa interpretação para ajudar os movimentos temporais” (RÜSEN 2009, p.164).

Ao analisar o regime de memória estruturado por Hilário, entendemos que esse estava empenhado em formatar o modo como os cristãos deveriam se apropriar do passado bíblico, e em qual canal esse processo de re-memorização deveria ordenar sua identidade e gerar significados e orientações políticas e religiosas. É nesse sentido que as ideias elaboradas por Rösen pode auxiliar-nos a analisar esse processo no qual os cristãos “sentem pertencimento e ainda serem diferentes na dimensão temporal, isso nos termos de suas vidas através de diferentes gerações” (RÜSEN, 2009, p.166).

Assim, há a necessidade de delimitar uma mudança substancial na maneira como a verdade era revelada perante cristãos e pagãos nesse período. Para aqueles ela era “revelada” por vezes em critérios internos do discurso religioso, para estes os testemunhos eram algo que possibilitava “retardar o esquecimento dos grandes momentos (Heródoto), ou fornecer um instrumento que permitisse não prever, mas compreender o que acontecerá (Tucídides)” (HARTOG, 2011, p. 216).

Não obstante, no primeiro século da era comum, a testemunha torna-se para os cristãos uma “figura indispensável, crucial para o estabelecimento da validação de uma cadeia de tradição”. Esse processo sistematizaria um regime de memória, que era tido pelos clérigos como um elemento que possibilitaria institucionalizar as doutrina e dogmas da igreja cristã. Mas esses bispos verdadeiramente não viram, mas produziam uma leitura dos testemunhos (experiências históricas) daqueles que viram, e estes

que viram tornaram-se servos ou, em outras palavras, viram e acreditaram, e aqueles que desde o início tornaram-se servos são os que viram. Ver e servir andam juntos. De modo que aqueles que viram sem se tornarem servos, no fundo não viram realmente. E os que se tornaram servos viram, poder-se-ia acrescentar, com os olhos da fé (HARTOG, 2011, p.217).

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

Nesse mote, atanasianos/nicenos<sup>10</sup> e arianos faziam usos desses testemunhos de distintas maneiras, de modo que aqueles que não cressem em suas interpretações dos testemunhos bíblicos, na verdade, não eram cristãos, mas falsos profetas/heréticos<sup>11</sup>. Esse debate revela-nos uma ingente luta pelo monopólio do poder de se institucionalizar a memória bíblica e assim, o estabelecimento de uma *divisão do trabalho religioso*. O que possibilitaria a organização de um sistema gnosiológico que delimitaria as fronteiras do que seria certo ou errado “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências” (BOURDIEU, 2002, p. 09)

Desta forma, entendemos o processo de afirmação de um único regime de memória dominante, frente às várias maneiras de se orientar mediante o flutuante passado bíblico, por meio do que o historiador J. Rüsen chama de “memória construtiva”. Para ele, a re-memorização do passado, arquitetada a partir uma canalização única, propicia significados para aqueles que são conduzidos pelo grupo que monopoliza os sistemas de produção dessa memória. Assim, esse grupo se torna para essa comunidade “os mestres do passado na medida em que eles colocam a memória em uma perspectiva temporal com a qual podem articular suas expectativas, esperanças e medos” (RÜSEN, 2009, p.167).

Tal procedimento se daria por meio da monopolização de um regime que ordenasse a maneira como cada cristão deveria interpretar o passado e agir diante dos conflitos no presente. O enquadramento de uma memória cristã possibilitaria aos clérigos unificar a identidade cristã que, segundo Chevitaressse (2011), desde sua gênese foi multifacetada.

Entendemos que tal processo de unificação se deu por dois impulsos que se conjugam: primeiro a igreja que, após a adesão ao Império Romano, voltou-se para suas questões internas, e assim compreendido sua pluralidade; e o segundo fator seria a pressão exercida pelo Império para que o cristianismo proporcionasse um único sistema político-religioso, o que até aquele momento não tinha ocorrido, pois o mesmo estava dividido em

---

10 Alguns historiadores denominam os defensores do Credo de Niceia, em 325, de Nicenos outros de Atanasianos, estes últimos fazendo referência ao bispo Atanásio de Alexandria, que teve notável importância para a ratificação do credo que deliberou que Cristo era *homousios* ao Pai, ou seja, igual em substância (STEAD, 2002, p.188).

11 Na Bíblia cristã, a palavra *hairesis* aparece nove vezes. No livro dos Atos dos Apóstolos, estão seis dessas ocorrências e o seu uso está de acordo com o uso grego e judaico, designando “seita”, “facção”, sem conteúdo pejorativo: fala-se da “seita dos saduceus” (Atos 5:17), da “seita dos fariseus” (Atos 15:5) e da “seita dos nazarenos” (Atos 24:5), denominação dada pelos demais judeus aos seguidores de Jesus de Nazaré (Atos 24:14 e 28:22) (GONÇALVES, 2009, p.47).

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

vários grupos que se rivalizavam para possuir o monopólio da verdade cristã.

Estas comunidades cristãs apresentavam múltiplas e conflitantes memórias religiosas provenientes dos distintos modos de orientação que o caráter multifacetado das mensagens evangélicas produziu. Entendemos que as contendas trinitárias, no IV século, personificaram esses conflitos já outrora no mundo cristão. Com o apoio do Império Romano, esse processo intensificou as disparidades de orientação histórica entre as comunidades, o que deflagrou frequentes conflitos que objetivavam unificar os usos político-religiosos dos textos bíblicos.

Nesse sentido destacamos o regime de memória que orientou Hilário de Poitiers, objetivava normatizar as vias de sentido produzido pela interpretação dos textos bíblicos. Na base desse processo estava a tentativa de instaurar “os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os em relação a outros” (CATROGA, 2009, p.23). Esse processo sistematizaria o modo como cada cristão se orientaria em seu contato com a divindade e com o poder imperial.

Os fragmentos da carta de Ário e os estratos evangélicos são validadores anunciativos usados pelo Bispo gaulês. Ele utilizou elementos da teoria ariana, definindo seus posicionamentos, que logo serão negados, já que os mesmos devem ser lembrados e discutidos, pois são considerados importantes para produzir uma interpretação monossêmica da mensagem evangélica. É o que observamos a seguir

[...] também em seus livros existe algo que deve ser estudado, para que, por todos os seus sofismas e ditos ímpios, se torne mais perfeita o conhecimento da verdade. Em primeiro lugar, deve-se conhecer a temeridade de sua doutrina e qual seja o perigo da impiedade, em seguida, quais suas sentenças contra a fé apostólica por nós professada e o que costumam dizer em contrário, qual a ambiguidade das palavras que iludem os simples ouvintes e, finalmente, como, com a arte de suas interpretações, corrompem a verdade e a força das divinas palavras (HILÁRIO DE POITIERS. IV, I).

Deste modo, o sistema de orientação elaborado por Hilário de Poitiers era orientado por um regime de memória que possuía balizas no Antigo<sup>12</sup> e no Novo Testamento.

---

12 “Em el *Tracatus super Psalmos* 15, Hilario nos habla explícitamente del canon del Antiguo Testamento, que para él está tomado por 22 libros, que corresponden a las 22 letras del alfabeto hebreo, que enumera de la siguiente forma: los cinco libros de Moisés (Pentateuco), Josué es el sexto, Jueces y es el sexto, Jueces y Rut son el séptimo, el primero y segundo libro de las Crónicas el décimo, Esdras (y Nehemías) el undécimo, los Salmos el duodécimo, los números trece, catorce y quince. Los doce profetas menores el decimosexto, Isaías, con Jeremías, las Lamentaciones y la epístola (Baruc), Daniel, Ezequiel, Job y Este, completan el número de los 22. Para completar el número de las letras griegas, 24, se han añadido por algunos los libros de Tobías y Judit. Es de

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

Num primeiro momento, o Bispo utiliza-se do Antigo Testamento (livro IV e V) para promover autoridade ao seu projeto. Em seguida, ele defende a consubstancialidade<sup>13</sup> de Cristo, baseando-se na interpretação de que o *logos* manifestava-se por teofanias no Antigo Testamento. E assim, Hilário fundamenta seu argumento na autoridade dos testemunhos de Moises, dos Profetas, Provérbio, Pentateuco e de outros.

Já nos livros IV-V Hilário realiza sua refutação da carta do Ário. Hilário refuta os argumentos deste com estratos bíblicos oriundos do novo testamento, já que aquele usará apenas trechos do antigo testamento (LADARIA, 1986, p.14). Desta forma, ele apresenta esses livros:

el libro cuarto toma como punto de partida las doctrinas de los herejes [...] presenta aquella exposición incrédula profesada por michos recientemente y muestra que ellos sólo con artificio, y, por tanto, con muchos irreverencia, han sostenido, a partir de la ley, [...] se muestra con todos los testimonios de la ley e los profetas que confesar a un solo Dios sin el Dios Cristo es un herejía y que es además falta de fe no profesar la existencia de un solo Dios cuando se confiesa a Cristo como Dios unigénito [...]. En el quinto sigue en la respuesta el mismo orden que habían establecido en si confesión de fe. En efecto , ello afirman con mentira que confiesan un único Dios según la ley [...]. Nosotros, siguiendo los mismos pasos por los que ellos han negado esta cosas, enseñamos que no hay dos dioses, ni tampoco un solo Dios verdadero solidario (HILARIO. *De Trinitate*, I, 23-24).

Nos livros VI e VII, Hilário estabelece o uso da memória bíblica tendo como chave validativa o Novo Testamento. Nesse, o Bispo situa a filiação divina de Cristo, utilizando testemunhos de Deus (Pai), do próprio Jesus, dos apóstolos e de outros (SIMONETTI, 2002, p.47). E desta maneira, Hilário os apresenta:

El libro sexto pone de manifiesto todo el engaño de las afirmaciones heréticas. Ellos, con el fin de ganar confianza para sus asertos, condenan las afirmaciones y los errores de los herejes; a saber, de Valentín y Sabelio, de Maniqueo y de Hieracas, y así se han apoderado de la enseñanza ortodoxa de la Iglesia como medio para ocultar su impía confesión de fe [...]. Pero nosotros hemos pasado revista a las palabras y confesiones de fe de cada uno de ellos, y así dejado claras las enseñanzas santas de la Iglesia [...] A continuación, el libro séptimo prosigue el curso de la discusión emprendida la demostración perfecta y no corrompida de la fe inalterable [...]

---

notar que en esta enumeración no figuran ni Sabiduría ni el Eclesiástico, que no obstante cita concediéndoles autoridad [...]. No enumero tampoco los dos libros de los Macabeos, a los que también alude [...]. No encontramos en la obra de Hilario una enumeración semejante referida a los libros del Nuevo Testamento. Los cita casi todos, sólo las epístolas 2 y 3 de Juan y la de Judas constituyen una excepción, no muy significativa dada la brevedad de todas ellas” (LADARIA, 2006, p.63).

13 “De ομοος = igual, o mesmo, e ουσια = essência, substância (lat. *Consubstantialis*)” (SIMONETTI, 2002, p.695). Para Richard E. Rubenstein o termo “Homooousios poderia significar “da mesma essência”, mas também poderia significar da mesma “substância”, “realidade”, do mesmo “ser”, ou até do mesmo “tipo”” (2001, p.109).

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

tomamos como base todos los argumentos, según sus diversos géneros, extraídos de los evangelios, para mostrar que sus confesión no ha dejado en el silencio su poder, ni su poder ha dejado de mostrar su naturaleza, ni ésta ha dejado de ser la que le corresponde en virtud de su nacimiento, ni su nacimiento deja de ser el que corresponde a su nombre de Hijo (Hilario. *De Trinitate*. I, 26-27)

Sabemos que no período em que Hilário escreveu esses livros (356-360) ele estava em um ambiente de exílio, de predominância ariana. O próprio Imperador Constâncio II apoiava a política eclesiástica ariana. Então, podemos perceber o porquê de Hilário lançar mão dos escritos do Presbítero Ário, pois esses poderiam promover legitimidade às suas posturas políticas e religiosas. E nesse processo de exposição e refutação da carta de Ário, Hilário a contrapõe com base no Velho e no Novo Testamento evidenciando, assim, que Cristo fora Deus como o Pai desde sempre.

Em relação as ideias do Presbítero Ário nos atemos em algumas questões, tais como: primeiro só temos acesso a ele por meio do *De Trinitate* de Hilário, seu adversário; segundo, o diálogo entre ambos se desenvolve por via única, ou seja, somente o Bispo conduz a discussão não existe uma contra-argumentação, em terceiro, sabemos que a carta exposta nos livros quarto e sexto do Tratado foi escrita em grego, sendo que Hilário a traduziu para o latim, portanto, o Bispo poderia ter induzido a teoria ariana a um posicionamento diferente do defendido por Ário.

Com base nessas conjunturas, analisamos a forma como Ario usa a memória bíblica. O Presbítero de Baucális compreendia o mundo por meio de uma forte organização em categorias hierárquicas, como expressa em sua Tríade. Estas tinham divisões extremamente organizadas e fixas. Quando o Presbítero apresenta “Pai, Filho e Espírito Santo” ele evidencia como deve ser estratificada toda a organização mental, social, política e religiosa dos cristãos. No livro quarto, Hilário afirma que Ário construía seu projeto trinitário do seguinte modo:

Conocemos a un solo Dios, solo increado, solo eterno, solo sin principio, solo verdadero, solo inmortal, solo enteramente bueno, solo poderoso, que crea, ordena y dispone todas las cosas, inalterable, inmortal e justo y enteramente buen, Dios de la ley, de los profetas y del Nuevo Testamento [...] Por ello, tres son las personas: el Padre, el Hijo, el Espíritu Santo. Y, ciertamente, Dios es la causa de todas las cosas, absolutamente el único sin comienzo (HILARIO. *De Trinitate* IV, 12-13).

Para Ário, a Trindade e o mundo cristão deveriam possuir organizações

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

hierárquicas, que seriam analógicas a toda *Orbis Romanorum*. Ele objetivava gerar sentidos que proovessem orientação a naturalizar um *modus viventi* baseado na hierarquia eclesiástica e imperial. Podemos entender, com base nesse sistema de orientação, que o regime de memória ariano realizava uma leitura bíblica margeada por suportes de orientação fixos, cujo escopo imagético definido pelo Presbítero previa a hierarquização dos seres divinos: o Pai, seria superior ao filho.

Y Dios es superior a él, como su Dios, pues existe antes que él. Yo que, si las palabras “*del él*” (Rom 11, 36), y entienden como si se tratara de una parte de sus único sustancia o como una prelación que se extiende, el Padre, según ellos, sería compuesto, divisible, cambiabile y corpóreo, y, según sus mismas palabras, el Dios incorpóreo soportaría las consecuencias de la corporalidad (HILARIO. *De Trinitate*, IV, 13).

Para Hilário, o Presbítero alexandrino induziu “el testimonio de las palabras después su sentido, y a propósito de ellas dicen falsamente aprovechándose de la ignorancia humana”. Dessa forma, ele refuta-o utilizando “a autoridade das mesmas palavras divinas”. Assim, Hilário prossegue “por consiguiente, la autoridad de las mismas palabras divinas, trataremos cada uno de los temas”. Reside aqui um embate narrativo em que o vencedor monopolizaria a interpretação e conquistaria o poder de determinar o verdadeiro e o falso entendimento dos textos bíblicos (HILÁRIO. *De Trinitate* IV, 14).

Compreendemos que a proposta de Hilário estava direcionada a negar as sugestões dos arianos mais radicais e a redimensionar a teoria trinitária construída pelos arianos moderados. Em seu quarto livro encontramos evidências desse projeto moderador. Assim, ao receber a crítica de que Jesus não era Deus, Hilário responde:

La Iglesia lo detesta, lo rechaza, lo condena, pues ella conoce a un solo Dios, *del que todo procede*, y la solo Señor Jesús Cristo, *por medio del cual todo fue hecho* (1 Cor 8, 6); un del que procede y otro por medio del cual todo se hizo, el origen de todas las cosas, que está en uno solo a las cosas, que está en uno solo, y la creación de todo por medio de uno solo En el único del que todo procede reconoce la excelencia del que no ha nacido; en el nada diferente del Creador, pues aquel del cual y aquel por medio del cual son todas tienen un poder común en relación con la creación en aquel en que se crea (HILARIO. *De Trinitate*, IV, 6).

Dessa maneira, Hilário definia Cristo como “um Deus que tudo faz”, e, assim, nega o argumento dos arianos de que ele seria “uma simples criatura com dotes especiais”, mas ao mesmo tempo a teoria do Bispo pictaviense não advém do radicalismo atanasiano, que

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

afirma que “Jesus é um Deus exatamente como o Pai”. Assim, o regime de memória hilariano é tecido tanto por elementos provenientes da teoria ariana – a mais moderada, chamada de *homoiosianos* - como dos atanasianos pró - *homo ousio*.

Para Hilário, a teoria construída pelo Presbítero Ário baseava-se em três afirmações que negavam que o *Logos* fosse Deus: a unidade, eternidade e a imutabilidade. Para eles, Deus é um só, portanto Cristo não poderia ser Deus, não poderia ser eterno, pois não pode haver dois coeternos e o Verbo era mutável pelo fato de sua geração.

Em contrapartida, Hilário defendia que os arianos não distinguiam unidade e unicidade, ou seja, que possuir uma só natureza não implicava necessariamente que o demiurgo fosse uma só pessoa. Assim, o Bispo argumentava que “así, uno y otro son un solo Dios, pues entre uno y uno, es decir, el uno que ha nacido del uno, no hay ninguna natureza distinta de la divinidad eterna” (HILARIO. *De Trinitate*. IV, 33).

Entretanto, os arianos afirmavam que haveria somente um único Deus e fundamentavam-se na autoridade do testemunho de Moisés que, exortando aos Israelitas, dizia: “Ouve, Israel, o Senhor teu Deus é um<sup>14</sup>” (Dt 6, 4). Desta forma, Hilário estrategicamente confirmava que:

Ya que, según el Apóstol, la confesión clara y perfecta acerca de Dios es la siguientes: *Un solo Dios Padre, del que todo procede, y un solo Señor nuestro Jesucristo, por medio de caul todo fue hecho* (1 Cor 8, 6), examinemos qué dice Moisés acerca del origen del mundo. Pues dice: *Y dijo Dios: “Hágase el firmamento en medio de las aguas que separe unas aguas de otras”. Y así se hizo. Y Dios hizo firmamento y dividió las aguas por la mitad* (Gén 1, 6s) [...] Y e claro por medio de quién se ha creado todo. Escucha al evangelista: *Todo fue hecho por medio de él* (Jn 1,3). Y si preguntas por medio de quién, escucharás al mismo evangelista, que dice: *En el principio existía la Palabra, y la Palabra estaba junto de a Dios, y la Palabra era Dios. Esta estaba en el principio junto a Dios. Todas las cosas fueron hachas por medio de ella* (Jn 1,1-3) (HILARIO. *De Trinitate*. IV, 16).

A forma dialogal diz muito, já que Hilário pauta-se em princípios bíblicos para configurar seus posicionamentos e reforçar suas críticas. Para o Bispo, o Antigo Testamento testemunhava a existência de Cristo, não com forma humana, mas como teofanias que professavam poderes dignos somente ao próprio Deus Pai.

Em contrapartida, Ário negava “que Deus esteja em Deus”, ou seja, que o Filho (Cristo) fosse *homo* (igual) ao Pai, que poderia existir múltiplas manifestações de um Deus

14 “*Audi, Israel, Dominus Deus tuus unus est*” (HILÁRIO. *De Trinitate*. IV, 15).

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

ingênito, pois o próprio Deus afirmou “Não há outro Deus além de mim” (Is, 45,14). Para Hilário, o Deus ingênito (*creatio ex nihilo*) de si mesmo era um Deus unigênito (HILÁRIO. *De Trinitate*. IV, 42). E argumenta utilizando a autoridade do testemunho Jeremias

A Jeremías, que enseña esto mismo cuando dice: *Este es nuestro Dios, y ningún otro se pondrá en su lugar. Encontró todo el camino de la ciencia, y la dio a Jacob, su siervo, y a Israel, su amado. Después de esto ha aparecido sobre la tierra y ha vivido entre los hombres* (Bar 3, 36-38), Y ya antes había dicho: *Es un hombre; ¿y quién lo conocerá?* (Jer 17, 9; LXX). Tienes, por lo tanto, a Dios, que se ha aparecido en la tierra y que ha vivido entre los hombres. Y te pregunto cómo crees que se ha de entender esto: *A Dios nadie lo ha visto nunca, más que el unigénito, que está en el seno del Padre* (Jn 1, 18), cuando Jeremías afirma que Dios ha aparecido en la tierra y que ha vivido entre los hombres. El Padre ciertamente sólo es visible para el Hijo. ¿Pues quién es este que ha aparecido y há vivido entre los hombres? [...] El solo es el que da órdenes a Abraham, habla a Moisés, da testimonio a Israel, permanece en los profetas, ha nacido del Espíritu mediante la Virgen, clavó en el madero de su pasión los poderes enemigos y contrarios a nosotros, aniquiló la muerte en le inferno, conformó con su resurrección la fe en que esperamos, destruyó la corrupción de la carne humana con la gloria de sus cuerpo (HILÁRIO. *De Trinitate*. IV, 42).

Reside nessa parte um elemento validativo importante do uso da memória bíblica nos escritos hilarianos: a partir dos testemunhos de Jeremias e de Baruch, salienta de que modo “Deus pode ser visto sob um aspecto e manter-se, ao mesmo tempo, invisível sob outro”, pois ninguém pode ver Deus e ficar vivo (Ex, 33, 18) (FERREIRA, 1995). Para Ferreira, quando Hilário confronta:

os dois textos aparentemente contraditórios, demonstra facilmente que “Deus” não significa o mesmo num e noutro. Num, trata-se do Pai; e ninguém o pode ver. Noutro, do Filho; e foi visto na terra. E, portanto o Filho é Deus [...]. E aí têm os arianos todos os elementos do silogismo: Deus foi visto; o Deus visto não é o Pai, mas o Verbo; logo, este é Deus por natureza (FERREIRA, 1995, p.68).

A estratégia exegética de Hilário é situar o uso da memória bíblica, por meio das conexões dos testemunhos, o entendimento de que Cristo – Deus unigênito – agia já no Antigo Testamento. E essas ações revelavam sua “verdadeira natureza”. Percebe-se nas afirmações de Hilário algo bastante característico desse período, a vontade de ver Deus, de estar frente a frente com aquele que formou e deu vida a tudo (SILVA, 2003a). Para os arianos, Deus não poderia gerar outro ser único e imutável como ele. Assim Ário afirmava que:

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

El Hijo salió Del Padre fuera Del tiempo, creado y constituido antes de los siglos; no existía antes de nacer sino que, nacido fuera del tiempo [...] Pero no es eterno, ni coeterno, ni increado juntamente con el Padre, ni tiene su ser a la vez con el Padre, como algunos dicen “respecto a otro”, introduciendo dos principios no nacido. Sino que como Dios es la unión y el principio de todas las cosas, así existe con anterioridad a todo. Por lo cual existe también antes que el Hijo (HILÁRIO. *De Trinitate*. VI, 06).

Ário estabelece uma rígida divisão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, nessa ordem hierárquica de poder e glória. Para o Presbítero alexandrino, o monoteísmo cristão centralizava-se em uma unidade monista. A origem de todas as coisas dependia de um “Ser Supremo” a tudo.

Entendemos que por meio da teoria das formas, exposta na tradução e comentários feitos por Mário Ferreira dos Santos do diálogo *Parmênides*, escrito por Platão e intitulado *O Um e o Múltiplo em Platão*, podemos compreender a chave filosófica que orientava o regime de memória desenvolvido por Ário.

O ambiente cristão foi influenciado pelo neo-platonismo, como evidencia a obra de Orígenes e de Agostinho, tendo como texto emblemático o diálogo Parmênides. Na voz de Parmênides, Santo, ao analisar a fala de Platão, argumenta que: “Ser Supremo não é o Todo, não é o produto de uma soma, pois é transcendental ao que compõe o universo, esse ser de suprema simplicidade, absolutamente ele mesmo” (SANTOS, 1958, p.120).

Desta maneira, com base em todas as ressalvas em relação à tipologia do diálogo platônico, seu espaço e tempo distintos de discussão, defendemos que esse pode ajudar-nos a entender a organização teórica desenvolvida pelo Presbítero Ário. Para esse, a Tríade cristã estaria centralizada em uma unidade simples (Deus), que era um ser absolutamente sem fronteiras nem partes, pois essas seriam limites dele.

Para Ário, Deus não poderia estar no tempo, pois sua presença no tempo evidenciaria um momento que ele não existiu. Logo, Cristo não poderia ser *homousio* a Deus, pois foi gerado pelo Pai no tempo. Concomitante a isso, Deus não poderia gerar um ser (*Gignesthai* é o verbo grego que significa nascer, tornar-se) igual a ele, pois se assim fizesse esse ser seria parte dele, a divisão do seu ser, e logo ele tornava-se imperfeito (SANTOS, 1958, pp.123-133). Mas para Hilário essa indivisibilidade não era afetada, pois a Tríade cristã possuía uma unidade de substância (*ousia*) e concomitantemente uma multiplicidade de manifestações. Do mesmo modo, o Bispo argumentava que:

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

Por tanto, si Israel oye que tiene sólo un Dios y que no se pone ningún otro Dios en lugar del Hijo de Dios para que sea Dios, el Padre Dios y el Hijo Dios son absolutamente uno solo; no por la unicidad de la persona, sino por la unidad de la sustancia, porque el profeta no permite que se considere a Dios Hijo de Dios como otro Dios, porque es Dios (HILARIO. *De Trinitate* IV 42).

Para Hilário, o próprio nome “Verbo de Deus” já deveria ser suficiente para indicar sua consubstancialidade com o Pai. Pois quando Deus disse “Hagamos al hombre a nuestra imagen y semejanza” (Gn 1, 26) ele estava afirmando que o Verbo era no princípio Deus (Hilário. *De Trinitate*. IV, 18). Para o Bispo de Poitiers, o Verbo de Deus é a imagem consubstancial de Deus (ÁVILA, 2004, p.29).

A teoria do Bispo *pictaviense* tentava estabelecer uma fórmula que possuísse elementos das duas políticas eclesiásticas mais poderosas na segunda metade do IV século, a ariana e a atanasiana. Para esse fim, ele teria de utilizar chaves validativas dos dois regimes de memória. Nesse projeto, Hilário constrói uma ponte entre a teoria do Presbítero Ário e os textos bíblicos e, deste modo, legitima suas refutações, esboçando sua proposta religiosa, cujo alcance sabia embrear nos campos do poder.

Nessa perspectiva, se produzia uma memória que apresentava mecanismos produtores dos elementos que seriam necessários à legitimação dos poderes do Imperador. Deste modo, destacamos a dissertação intitulada *A construção da imagem do governante: uma análise das representações do Imperador Constantino (306-337)*, escrita pela Ms. Rosana Dias de Alencar, a qual entende que a bíblia era tida como chave para construção da imagem heróica do Imperador Constantino I. Para a autora:

A memória a qual remonta é o que chamamos de memória apostólica. O bispo de Cesaréia organiza uma seleção de acontecimentos que viabiliza uma analogia capaz de associar fatos contemporâneos a fatos bíblicos, bem como personagens contemporâneos a personagens bíblicos. Reivindica-se para Constantino a imagem de bíblica de Moisés e dos Apóstolos (ALENCAR, 2007, p.101).

Entendemos que no período do Imperador Constâncio II, o processo analógico não era válido por si só para a construção da boa imagem do regente imperial. Neste momento, a imagem sagrada do príncipe seria obtida por outras vias – estabelecidas por meio de doutrinas, dogmas, e o uso da autoridade bíblica, que ao mesmo tempo possibilitava os cristãos seu relacionamento com a divindade cristã e com o próprio mundo terreno que os cercava. Esse processo de “construção da imagem heróica do Imperador” não se daria

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

somente por analogia, mas pela forma com a qual os cristãos iriam se apropriar do passado evangélico e gerar sentido em seu presente.

Assim, não bastava ao regente associar sua imagem a figuras do passado bíblico. Para ter legitimidade perante o mundo cristão era necessário que todo o mundo romano estivesse analogicamente associado à Tríade cristã, ou seja, do modo como a Trindade se organizava também deveria estar orquestrado o *modus vivendi* dos romanos. E nesse processo enfatizamos o objetivo do Bispo Hilário de estabelecer, com base na superação do projeto ariano e balizado na bíblia, um vínculo entre o poder da divindade cristã e o do *principis*.

O Bispo de *Pictavium* arquitetou um regime de memória que possibilitava um tipo específico de Trindade, que outorgaria ao regente imperial a possibilidade de reger seu poder nos seguintes moldes: ele seria Deus (*logos*), mas não Deus totalmente igual o Pai – aquele que cria todas as coisas – mas possuiria o poder de fazer todas as coisas, pois Deus (Pai) cria, e o Imperador (Cristo) faria todas as coisas. Nessa fórmula política, o Imperador seria o Deus unigênito que era *homoiosios* ao Deus ingênito.

A teoria trinitária do Bispo de Poitiers possuía um caráter de moderação e ao mesmo tempo não determinava que Cristo (Imperador, Deus unigênito) era totalmente igual ao Deus ingênito, bem como não definia Cristo como um homem que detinha características especiais. Tal moderação objetivava estabelecer uma síntese trinitária entre atanasianos e arianos – mais moderados.

## Referências:

### 1. Fonte:

HILARIO DE POITIERS. **De Trinitate**. Ed. Bilingue traduzida por L.F. Ladaria, Madrid: BAC, 1986.

### 2. Historiografia:

ALENCAR, Rosana Dias de. **A construção da imagem do governante: uma análise das representações do Imperador Constantino (306-337)**. Goiânia. Universidade Federal de Goiás, 2007. (Dissertação de Mestrado).

ARANTES JUNIOR, Edson. **Regime de memória romano: imagens do Herói Héracles nos escritos de Luciano de Samósata (Século II d.C)**. Goiânia. Universidade Federal de Goiás, 2009. (Dissertação de Mestrado).

ÁVILA, Carlos Barba. **Teología de la imagen de Dios en San Hilario de Poitiers**. Pamplona. Facultad de Teología de la Universidad de Navarra, 2004. (Tese de Doctorado).

ARANTES JUNIOR, Edson. MOURA, Fernando D. Teodoro. Cristianismos e os usos do passado bíblico no contra os arianismos de Hilário de Poitiers (Séc. IV).

CATROGA, Fernando. **Os passos do Homem como restolho do tempo: memória e Fim do Fim da História.** Coimbra: Almedina, 2009.

DONINI, Ambrogio. **História do cristianismo.** Lisboa: Setenta, 1988

FERREIRA, Manuel. *Fé e Profecia em Santo Hilário de Poitiers.* Lisboa: Didaskalia, 1995.

GONÇALVES, José Mario. **Religião e Violência em África Romana: Agostinho e os Donatistas.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2009. (Dissertação de Mestrado).

HENNE, Philippe. **Introduction à Hilaire de Poitiers.** Paris: Du Cerf, 2009.

HARTOG, François. **A evidência da História: o que os historiadores veem.** Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LADARIA, Luis F. **Diccionario de Santo Hilário de Poitiers.** Burgos: Monte Carmelo, 2006.

MORESCHINI, C. **História da Literatura Cristã Antiga e Grega e Latina: do concílio de Niceia ao início da Idade Media.** Tome II, São Paulo: Edições Loyola, 2000.

RUBENSTEIN, Richard E. **Quando Jesus se tornou Deus: A luta Épica sobre a Divindade de Cristo nos últimos dias de Roma.** Rio de Janeiro: Físis, 2001.

RUSEN, Jorn. **Como dar sentido ao passado: questões de meta-história.** *História e Historiografia.* Nº 02, 2009.

SANTOS, Mário Ferreira. **O Um e o Múltiplo em Platão.** São Paulo: Logos, 1995.

SILVA, Gilvan Ventura da. **Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da basileia.** Vitória: Edufes, 2003.

SIMON, M. & BENOIT, A. **Judaísmo e cristianismo antigo.** São Paulo: Pioneira, 1987.

SIMONETTI, M. Hilario de Poitiers e la crisis arriana en Occidente: polemistas y Herejes. In: BERARDINO, Angelo di: **Patrologia III: La idade de oro de la Literatura Patrística latina.** BAC, 466, Madrid: 2002.

\_\_\_\_\_. **Homoousios.** In: BERARDINO, A. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs.* Petrópolis: Vozes, 2002, p.695.

SPINELLI, Miguel. **Elitização e Recriação de Sentidos.** Porto Alegre: Ediupcrs, 2002.

STEAD, G. C. Atanásio. In: BERARDINO, A. **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs.** Petrópolis: Vozes, 2002, p.188.